

Tempos de Eduardo Lourenço: Fotobiografia

de Maria Manuela Cruzeiro e Maria Manuel Baptista

Recensão de Raquel Andrade*

Uma colectânea de “tempos” e de memórias, esta fotobiografia de Eduardo Lourenço com que as duas autoras, Maria Manuela Cruzeiro, a de *Eduardo Lourenço: o regresso do corifeu*, e Maria Manuel Baptista, a de *Eduardo Lourenço, A Paixão de compreender*, homenageiam, por ocasião do seu 80º aniversário, o grande ensaísta e sobre a qual este declara, no discurso de agradecimento: “Quem ali está não sou eu. É a obra da amizade e da dedicação e a prova de que são os outros que nos fazem existir”. Não existem capítulos. A sucessão do tempo é marcada cronologicamente, por núcleos espacio-temporais, à maneira de viagem, que é o decurso humano do existir, mas também pela descontinuidade e fluidez dos tempos interiores, os da deambulação e da memória, da reflexão e do sonho, ilustrada por fotografias onde sobressai sempre “a boca pequena, o longo nariz, os olhos profundos” “e cujo sorriso de menino traduz às vezes uma obscura melancolia”, no dizer de Arnaldo Saraiva. Assim evoluem os tempos deste “homem sábio e modesto, afável e discreto, atento aos outros e distraído de si”: **Tempo de S. Pedro do Rio Seco (1923-1932)**, o de um paraíso precocemente perdido, a aldeia “onde vivia gente sábia que o era sem o saber” e que, para o filósofo da cultura, é regulada por “um tempo sem tempo, alegoria de uma eternidade onde tudo quanto importava já tinha acontecido”. Sobre este tempo, a interrogação nostálgica de hoje: “Como o esplendor da Natureza – nunca extinto – se cobriu de cinzas?” e a humildade tocante da resposta: “Eu sei que só cada um de nós tem o poder de embaciar o cristal da vida”; **Tempo da Guarda (1932-1934)**, tempo da “perda do ninho, o primeiro encontro com os outros”, o da adolescência “de sonhos vagos, de vertigens inocentes e duradoiras do coração”; **Tempo de Lisboa (1935-1940)**, o do Colégio Militar, mas também tempo de fascínio pela cidade de Pessoa, “ville somnambule et heureuse comme fille d’Ulisse”. E é o milagre da

* Professora e Investigadora na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

presença... Lisboa, recriada pela palavra de E. Lourenço, surge esplendorosa: "endormie au plus profond d'elle même, la ville blanche ou presque qui fut autrefois une ville enivrée par tous les parfums de l'Orient se réveille tous les matins comme si elle venait de naître". Depois, **Tempo de Coimbra (1941-1953)**, tempo e espaço do encontro com a Filosofia e os filósofos: Nietzsche e Husserl, Kierkegaard e Hegel; e com as grandes questões ideológicas e culturais de uma geração polémica que, no dizer do pensador, "se definia culturalmente por uma visão totalizante do mundo", enquanto ele "girava muito à volta da dialéctica entre o sim e o não, a eterna contradição. Talvez procurasse o rosto da contradição" quer na adesão ao neo-realismo do *Novo Cancioneiro*; quer na amizade com Carlos de Oliveira, João José Cochofel, Joaquim Namorado, Fernando Namora e no envolvimento com a revista *Vértice*, quer como assistente de Joaquim de Carvalho, na Universidade; **Tempo de errância (1943-1974)**, depois, em Paris, Hamburgo, Heidelberg, Montpellier, S. Salvador da Baía, Grenoble, Nice, lugares e tempo do desafio intelectual, da observação atenta da arte e do real, do registo de instantes como pinceladas breves e duradouras, feitas para serem eternas. Finalmente, **Tempo de Vence, 1974**, tempo da finíssima acuidade à "consciência e à inconsciência portuguesas", tempo e espaço das grandes realizações literárias, das sublimes intervenções, do *Prémio Camões*, dos doutoramentos *Honoris Causa* por várias universidades portuguesas e estrangeiras e de outras merecidíssimas consagrações, ao nível de Portugal e do mundo. É tempo escrito e Portugal escrito e psicanalisado. São as nossas misérias e as nossas grandezas (perdidas) o que ressalta destes textos já publicados em jornais, revistas e livros, como o do *Expresso*, em 27 de Março de 1999: "Antes (...) os portugueses tinham um superego espalhado por cinco continentes, e achavam que não eram uma nação pequena. E ninguém em Portugal se resigna a sê-lo. E se se resigna é para investir na metrópole todo esse excesso de grandeza perdida". São também algumas páginas de testemunhos de amigos, como João Gaspar Simões, José Augusto França, Arnaldo Saraiva, António Ramos Rosa, Cleonice Berardinelli e tantos outros, que realçam a medida do homem lúcido, discreto, afável, "sábio e modesto". Mas é sobretudo a extraordinária clarividência e a sua simplicidade tocante o que emana dos textos que as autoras escolheram para realçar a dimensão deste Português que tem passado a vida a visitar o discurso e o decurso da cultura portuguesa e a visitar-se, como ele próprio refere: "Eu próprio sou uma contradição viva, todos os discursos da cultura portuguesa que conheço fazem parte da interpelação que faço a mim próprio. A minha vida foi passada a visitar o discurso da cultura portuguesa". Enfim, uma revisitação do grande filósofo da cultura, esta FOTOBIOGRAFIA de Eduardo Lourenço, discretamente ilustrada por fotos e documentos pessoais, aquilo que retrata uma vida, que é sempre inenarrável. Afinal, como o

próprio refere, "é a vida mesma que nos biografa – por isso é a nossa vida – e escrevendo-se em nós nos autobiografa sem que a ninguém, salvo a essa vertiginosa musa, possamos imputar tão extraordinária façanha". E porque "só os outros nos tiram retratos", esta fotobiografia afirma-se como um possível e admirável documento da grandeza do ensaísta cuja escrita é, segundo António Ramos Rosa, "uma escrita que flui em subtil transparência/como se fora um sopro de silêncio". E da sabedoria do homem que sabe discernir: "Só à hora do nosso crepúsculo descobrimos, enfim, que estivemos no paraíso e o vamos perder".